

Das folhas do meu
Caderno

Caderno Escolar

NB

PORTUGAL

A ciência humanitária,
O ensino do albrarismo,
Fem por base condonar
Deus, Pátria, Militar.

Alguns



chegar luz ao remediante,
é porizer de sof a lúza
chegar mor ao maragante,
E criar, e arne f'za guerra.

A. M.

Nome Artur Modesto

N.º _____ da _____ Classe

Começado aos dezasseis anos

Terminado Só na tumba, assim o espero.

Portugal dos lanjais...
Por câmbios asinistados;
Nos vizinhos de filhos tais...
E's torção classificada...



A guisa de entricido

NB

Não têm estas simples rimas em palavras sem nexo a quele
sabor poético que tanto desejava, essa beleza tão grande que
faz do poeta o maior dos artistas. Não são também aquela re-
seira florida onde tudo são pétalas exalando perfumes. São,
isso sim, as minhas rimas em bruto, em palavras sem nexo,
pronto, a dor que me acompanha desde menino e moço; elas são
a angústia, o desespero de quem vive à margem das leis huma-
nas amordaçado e sem direitos.

São ainda estas linhas, rudemente escritas, o desabafa dum co-
ração que sofre ante a maldade do homem, esse bruto que pas-
sa pela terra, manchando-a de sangue numa onda vertigi-
nosa de loucura, roubando ao seu semelhante a alegria de vi-
ver.

Levanto eu quizeria pesquisar recursos que me permitissem trans-
ferir ao papel um pouco de tudo que me vai na alma, sem
abropeles a métricas, sem mutilar gramáticas! Mas o mundo
torcido em que nasci fechando-me as portas das escolas, ameto-
rou-me a uma tripeça quando ainda cheirava a fardas fazen-
do-me trabalhar dia e noite, negando-me assim o que há de mais
beto na existência humana, a cultura.

Quando penso nesta gruta negra que sou forçado a viver, mai-
or é a repulsa que sinto por este mundo, que só a maldade

76

Carolina Escobar

PORTUGAL



1919

Escobar

Por favor, não se esqueça de assinar o livro.
Com os melhores cumprimentos,
Carolina Escobar

humana soube contribuir. Mas porque não possuo aqueles recursos que tanto desejava, não poderei maldizer a condição de escravo que me foi imposta por uma causa que não tem razão de existir?

Como estufa dessa braço gigantesco criador de toda a riqueza social, não poderei rebelar-me contra um mundo que tão mal me trata, usando para isso dos poucos recursos de que sou possuidor?

Ou praxe, métrico-gramaticais; para que vindeis martirizar-me mais o pensamento amordaçando-me também?

Porque não poderei eu transportar ao papel os meus queixumes de fúria e sorte? Não; não posso, não quero obedecer-vos! Obedeci sim mas ao meu espírito ofendido, embora mal cultivado. Direi quanto sinto sem me preocupar a vossa boa ou má colaboração.

Fa-lo-ei de cabeça erguida com a consciência de quanto valho e sem receio dos risos sarcásticos de alguém que possa ler ou ouvir estas simples ^{linhas} pois elas são apenas o reflexo das torturas de quem vive uma condição desumanamente inferior. É para maiores tormentos da sua alma, sabe muito bem onde estão a origem e o remédio de todos os seus males.

Secaram as fontes
 A flora está nua
 Há crimes aos montes
 Há sangue na rua
 Não tra fiz, na terra
 É negro o luar
 O monstro em ~~gesta~~
 Sempre a devorar
 Há pelos caminhos
 Gemidos e ais
 São os pequeninos
 Que choram seus pais
 Há aves sem ninho
 Há fazes sem pão
 É o negro caminho
 Somente o vilão

Dentes cerradas
 Olhar esfaimado
 E as suas patadas
 É tudo esmagado
 Esmaga pensamento
 Direitos humanos
 De sangue sedento
 É lei dos tiranos !!!
 Oh chacal imundo
 Oh monstro sem alma
 Nos crimes do mundo
 Tu levar a palma.

Fevereiro 1934
 Algueres



Plumas negras

Piçam mochas, piçam cruças
Lá no alto de S. Bento,
Esse bando agourento
De plumagens negro-sujas,
Piçam, piçam sob cruces
Exibindo aves graves...
Chegando a outras aves
Doutros reis suas luzes.
Nos escuras os seus mintos,
Escavos seus pensamentos
Lá fecundam os tormentos
Dos humildes passarinhos.
Plumas negras assassinas
E seu mando vão agindo
Os mintos vão destruindo
Essa ave de repina.
Abutres e gaviões
Penas de garças sangrentas
Vão espalhando tormentos
Fugindo como leões.
Nos gaióles vão mantendo
Outras penas já despertadas

Nas praticadas desertas
Outras aves vão morrendo.
Oh agourentos julgais
Que serão vossos processos
Que detêm os progressos
De tão nobres ideais?
Para quê tanta maldade
Tanto lama, tanto crime!
A história não ridime
Tal bando sem piedade.
A justiça ha-de chegar
Com pena de Talião!
Nas cinzas do turbilhão
Outra luz ha-de brilhar.

Cantai-vos ó rouxinóis,
Esquecei vossas maldades!
Fala das sacerdotias
Atquei-vos noutros reis!

Inocente passarada
Unidos, formai barreira
Para as lavas da fogueira
A terrível bracharada!

Gemidos seculares

Abastando perada cruz
Eu caminhei tantos anos
Sob a verdaseca dos tiranos
Como a tenda de Jesus.
E a minha voz é abafada
Pela furia do vilão
E a luz forte da Razão
E as barbitas torturada.
Velhos costumes, duras leis
São as codigas infernais
Impostos pelos brutais
Dos ditheiros, Cristos e Reis.
De gerações e gerações
O mal em loucas é avaluadas
E impõe a cruz e a espada
Braços de civilização
De cadaveres cimentados.
Nada fessuo, nada amereo
"Dos reis da mina, da furia alha"
Sim; um só prêmio: a metralha
Pelas faustos que ofereço,
De pensamentos atrofiado
Pela penumbra, vou andando

Mithentos e ardos vou firando
Eternamente condenado

Conquistados apim na Franca
Que fizeram dos meus direitos
Porque deram sangue mij feitos
E a hora da boa esperança?
São nas firmas dos vaticanas...
E os salões alcatifados
E meus direitos espezinhados
Pelas patas de desumanos
Padres, Barões e Marechais -
E a trilogia infernal
Símbolos de todo o mal
Desses poderes ancestrais!

Oh, que brutais são meus tormentos!
Tento libertar-me, não posso!
Falta-me luz, feza-me o dorso,
Sinto fezas os movimentos.

Basta de tanta escuridão!
Dá-me o calor da nova aurora
Ho: Luz do Porvir que demoras
E a hora da libertação"

Prece

Hó santa luz que és o guia
Das sombras novos mundos
Exegue desta campã fria
Os farrapos maribundos
Que vegetam pela terra
Sem sal, sem pão e lar
Qual rebanhas pela serra
Sem cabeças para pensar
Sem prazer para sorrir
Este mundo libertino
Condenadas a seguir
Pelas furmas do destino!

Lá dizia Bom Jesus...
Quando rompeses a terra
Tu darás aos filhos d' Eva...
Um ^{mundo} presente de Luz!

Sombando mundos riscados,
Leivres como passarintias,
Vou alimentando sentias
Por sinuosos caminhos.
Sopno torturas brutais,
Que Jehová me legou.
Hó que destinos fatais
No mundo que Deus criou...
Hó Jehová lá dos céus,
Que dizem pai de nós todos,
Porque crias-te os todos
Manadas de filhos tuos:
Os padres e as igrejas,
Os monstros brandindo espadas,
Ladões de luvas douradas
E os odios que manejas?

Pergunto:

Se Deus que está no céu (?) é o nosso pai...
Quem é onde mora o nosso avô?

Que me respondam as ratãs
Des imundas sacerdotias
E as suas falsas "cantatas"
Que pregam todos os dias.

Nostalgia à beira-mar

Deixai-me sonhar
O vento medonho!
Pelas ondas do mar
Vagueiam meus sonhos.

Deixai-me passar
Tropico antigo!
Ondas do mar
Levai-me consigo!

O luz de luar
Que beijas a terra,
O ondas do mar
Livrai-me da terra!

O quente soltar,
O zéfiro manso,
O ondas do mar
Dai-me descanso!

ela fronteira final.

Chorando e aminha
O pobre velhinho
Como a anezinha
Perdida de mimto.
Não chores a vida,
Castelo d'enganos
Que só dá guarida
A brutos humanos
Sorris aos embreis...
Adora a morte,
Austera, forte
Só ela fiõe
Pontos nos iii!

Deixai; deixai-me chorar.
O gentis da minha gri!
Sinto minha alma sangrar
Nas garras da dura lei...

A milhões d'almas perdidas
Meu pensamento loguei.
Que procurem suas vidas
O que já nunca encontrei.

Pedaços d'alma

Já não vivo a minha hora,
Vejo-me em terra morta!
Sou como a velha vassora
Vasculho da sepa torba!

Olho pra mim, não me vejo.
Estão, onde não estão...
Não vou onde desejo...
Nem sequer sei o que sou!

Um silêncio condenado,
A cabeça num vultão.
São o signo malfadado
Que vivo em turchilhão

Já não vivo os madrugões...
Não enxergo firmavões...
Vou fazendo encruzalhadas
Nesta vida de quimeras!

Sinto isto a valer
Nas horas que vão passando
Oh; quem me diga morrer
Que a vida vou desprezando!...

Quem me diga!

Oh; quem me diga ser menino,
Viver longe, lá nos outeiros!
Cego com vista, qual corno,
Não conhecer tão maus parceiros,
Não ver a pobre mocidade
Tão mansamente caminhando
No âmago da tempestade
Que suas vidas vai ceifando.
Não pensar para não sentir
O mal que gira à minha volta.
E só o mundo reduzir
Ou fauna que vive à roleta.
Poder lançar aos quatro ventos
A luz dos novos ideais,
Seiva de outros sentimentos,
O tumulto dos cordiais.
Enguer o facto do porvir
E luz sublime da verdade.
Da sua chama ver surgir
E tão renthada Liberdade!

A Lém/Fejo

1937

Passoio excomungado

Num dia de primavera
Foi Adão por devaneio
Com a Eva, que quizera
Com ele dar um bom passeio.
Divagaram tão juntinhos,
Nesse dia de juízo...
A procura, pelas caminhas
Da terra do Paraíso...
Nessa manha tentadora
Do cantar dos passarinhos
A natureza sedutora
Embebeceu-os com carinhos.
Envolvidos na folhagem,
Ostentaram-se torreadamente.
Ao sabor da bela oragem
Troçaram beijo ardente.
Um desejo invadiu
A Eva, jovem louçã,
Quando Adão lhe pediu
Um beicinho da mãe...
Na escura espigada
Viu o fruto proibido...
Então Eva desejado
Deu o fruto apeteçido...

segue na página seguinte

Logo tiveram folhinhas
e os labouços fascinantes.
E fiaram ausinhas
e os gemidos dos amantes.
O Messias ofendido
Pela maneta de pecado
Deu a Eva por castigo
Um filho excomungado -
O homem que por vingança,
O Senhor lançou ao mundo
Por estrados se bonança
Deste pélagio sem fundo.
Desvairada, corrompida
A sorte que Deus lhe deu.
Assim sofre na vida
P'lo mal, que não cometeu.
Mas diz o velho estribilho:
É justiça da igreja
Fiz o pai? Pago o filho!
Manda a regra que assim seja!



Leixurnes dum paria



É minha sorte morrer
Quando do ventre sai,
Mas porque não morri em
No momento em que nasci!

Para viver esta vida
Não vale a pena nascer.
Como é dura a minha vida!
Chama-se a isto viver!

Sem ter paz e sem conforto
Quealhado e comação.
Meu caminho é sempre torto
Falo, não tenho razão!

É sorte traiçoeira
Das humilhadas que nasceram
P'na sofrer a vida inteira
Dum mal que outros fizeram.

Quando soará o dia
Que livre possa dizer:
Hoje, tenho alegria
Tenho pão para comer.)

Oração do velho



Alquebra, sem alento
P'las torturas do caminho
Saco velho fedorento
Junto à fonte ora o velho

Benditas sejam as fontes
E as sombras onde me deito.
Bendita a rede dos montes
Que tenho para deito.

Bendito seja o luar,
E as pedras onde me sento
Cansado de caminhar
E chuva, ao frio, a vento.

Bendito o divino sol
O manto dos malfadados
Que tem para começo
E as pathinhas dos eirados

Maldita seja a vida
Das que nascem sem ter sorte.
Que vaguem sem guarida
Sem ter pão, sem lei, sem morte.



Rua sem sol

Há crianças andrajosas,
Há velhinhos prostrados
Há chorpanos fantasmagóricos
Lágrimas e sofrimentos.

Como choro os pequeninos
e quem o viver proíbem!
Inocentes peregrinos
Que vegetam e não vivem!

Quem há praí que desminta
as misérias deste mundo
Ou coração que não sinta
o sorte do vagabundo?

E eu não sei como passar
Pelas ruas da amargura
Que não seja a soluçar
Chorando a dorventura!

Herança divina...

As santas almas doiradas
Deus lá dos céus enviou
Cofres, cruzes e espadas -
e as simples que se comungou
"Divinamente" legou
A fama das caminhadas.

?

Não sei dizer o que sou
mas sei aquilo que sinto!
Sei que Deus me condenou
a viver num labirinto
Onde a loucura impera
Onde o mal está previsto
"O bom senso" uma quimera
Traída aos seis de Cristo.

Sombando outros sois ✓

Ó relincha que cantais
Eis risenthar primavera
Voando p'los siderais
Em busca de novas aras,
Quem tivera as tuas
Teu ninho a minha morada,
Caminhar vias novas
No alvor da madrugada,
Lavar-me nas orvalhadas
Cantando hinos d'amor
Longe das encreuzilhadas
Feitas de pranto e dor.

Signos

Se Deus é signo de bem
Esse canto da serena
O seu filho porque tem
Uma obra que é tão feia?

Por Deus-pai vem espatilhando
Tanto luto por vingança,
E verdade torturando
Em maceba contradança.

É a seita vaticana
Fonte de tantos tormentos
Que retalha a alma humana
Erocando sacramentos.

Dizei ó senhor dos templos
Sem trair-des a verdade,
Onde estão os bons exemplos
De tal signo da bondade?

Não ha conflito no mundo
Por mais pequeno que seja
Que não acuse bem fundo
Postelados da igreja !

Deus, é sim signo do mal
Símbolo da maldicão !...
O criador infernal
Uanto de tanto vilão !

Postelados pastoraes
Que se itava sim senhor
Se visse entre os mortais
Justicia, Paz e Amor.

Despertai esenaros
Adormecidos
Que o sol já nem
Calai vossos gemidos
Já vejo a luz
Brilhando além...
Grilhetas se quebram,
Espadas se partam
Monstros que pedem
E de sangue se não partam.
Negros, rotineos
Unhas do diabo
Pantufas humanas
Que o demão os devore
Vocaramente num tãgo !...
Que o mundo dos homens
Em turbilhão
Se despedace
Além das montanhas
Da Nova Razão
Que os privilegios
Da minoria

Sejam frentes
De quantos se definiram
Na dura cruzada
Do dia a dia

Abraçia

Nas águas daquela fonte
Lavei
Minha alma juvenil,
Que já não volta.
Águas inquinadas
Resusei...
Por não serem as águas
Cristalinas
Daquela fonte
Que abraçei!

Sementeira

Sementes de seculos
Lançadas à terra
Por gentes humanas
Hoje de florir.
A guerra santa
Que nas hostes tiranas
Os venenos espanta
Vem caminhando,
Pela terra espalhando
A luz do porvir.

Horas que já ^{mais} voltam!...

Divagando recordei
Minhas horas já distantes.
Quantas luzes enxerguei
Mortas por ventos tórridos!...

Quando as luzes se apagam
Na vil palha do vento...
Os faróis jamais apagam
Os rasgos de pensamento.

Nas infinitas planícies d' além-tejo
Onde marcham pachorraentos rebanhos
Jazem horas amadas, que não vejo
Na solidão dos espaços tórridos!

O voo da pomba...

Altra pomba que do meu lar partis-te
De negro manchando caminhos meus.
O teu vulto avaro jaz inerte e triste
Como a dizer-te profundo adeus.
De negro se vestiram verdes prados
Denso bruma sobre revoltos mares
Chora meu coração os tristes fados
Mas as estrelas prouzam meus estares
O astro ardente jamais aquece
Meu glacial e pobre coração
Só a má rima, que me envolvece
Me acompanha neste solidão!...



Olhando o pôr do sol

Nas brisas afadas dos verdes montes
Caindo nas braços da mãe/mãe
Eu beijei, lembrando, tal virgem pura
Olhando o pôr do sol nos horizontes.
As sombras deiradas beijando as fontes
O caminhar de cor das taraxias
E se olhando as suas deiradas franjas
Ao longe, para lá dos verdes montes

Natal de presidiário

Nas garras da dura lei
O rebelde, encarcerado,
Pensando na sua guai
Lembrou o seu far amado,
Duramente torturado,
Nas sombras da excovia
Excomungou aquele dia,
Dia de "Deus Baço" assassinado.
E neste palco de feira...
Viu a febre comprandeira
Com os seus quatro rebentos
E o casebre, sem lareira
E bradou aos quatro ventos:
Natal! Natal!
Leve cruéis!
Não curvas os famintos?
Gruindo a seus pés!
Vai-te velho barbudo!
Em vez de Natal,
Porque não te chamas
Entrudo?
Vai-te, falso amigo
Leve contigo
A hipocrisia,
"Con-vos" e tudo
E no mesmo dia!

A luta em marcha

Não ha estelo que corte
Folhas á nova semente
já que a achá do mais forte
Vai ruindo lentamente.

Seam os gritos de guerra
Do serro, branco ou preto
Que bradam por toda a terra
O seu direito de voto.

O povo trabalhador
Não aceita a opressão
Marcha contra o opressor
Com gritos de revolução.

A mulher escura visada
No mesmo pé de igualdade
Largue na santa cruzada
O fundamento da liberdade.

Cavaleiros do futuro
Em destemidos corceis -

Vão destravando o monturo
Desses destinos cruéis.

Destruir para construir
É sua nobre missão
Como forças do porvir
Na guerra da redenção.

O estado e as camarilhas
Hão-de rolar pela terra
A luz de novas cartilhas
Na razão da nossa guerra.

Pão, justiça, igualdade!
Jamais a lei do mais forte!
Pelo nef de liberdade,
Contra o reinado da morte!

Que bem disfarçada vens
 Mistra menina ...
 Encobres a tua manã,
 Vestes camina ...
 Com essa capa de santa.

Encobres as tuas manhas
 Tão conhecidas!
 Do vírus das tuas entranhas
 Vamos sofrendo
 Das feridas.

Que ventos te guiam?
 Fúreas brisas perfumadas
 Ou as rudes trovoadas
 Que se anunciam?

Não; não são as primeiras
 Que procuras!
 Tu vens das neites
 Encuras
 De outras eras...

Vens das sombras
 Dos ciprestes...
 És a padroeira
 Da licânia



Com esse manto

Que vestes

Pregas amar por fantasia



*ed volhinha Portugal
 A beira mar plantada!
 Cantos dum mundo infernal
 De "Pinguim" infestado*

- CONVENÇÕES:**
- CAPITAL ○
 - DISTRITAL ●
 - CIDADE ○
 - VILA ○
 - LIMITE DE PROVINCIA ———
 - DISTRITO ○○○○

